



PERSPECTIVAS ACERCA DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Autor; Laysa Cavalcante Costa Co-autor; Joana Camila Lima Guedes

(Laysa Cavalcante Costa, *mestre pela UFCG*. laysacosta@gmail.com)

(Joana Camila Lima Guedes, graduada pela UEPB; joanacamilah@hotmail.com)

RESUMO: O presente trabalho procura esclarecer aspectos relevantes à construção da literatura de autoria feminina, evidenciando as diferentes etapas da evolução dessa literatura, desde as diferenças entre gêneros, apontando para superioridade dos homens no contexto social a um panorama sobre as obras e autoras que tiveram relevância no cenário literário. Busca-se compreender como as mulheres conseguiram ocupar um lugar de destaque na literatura, os caminhos que foram percorridos, os desafios que foram ultrapassados e as mudanças que estas produções de autoria feminina acabaram promovendo dentro da sociedade.

A crítica literária feminina iniciou-se na segunda metade do século XX e se construiu através duas modalidades. A primeira refere-se ao resgate de obras escritas por mulheres e que, no decorrer do tempo, foram destinadas ao ostracismo; a segunda desenvolve a releitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando a experiência da mulher. Procura-se deste modo, detectar através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina e os traços de patriarcalismo que perpassam a obra. A contribuição da crítica feminina foi relevante para que as escritoras passassem a ter uma oportunidade de mostrar suas obras. A princípio as obras de autoria feminina ainda estavam arraigadas com ideologias patriarcais, foi timidamente que essas estruturas preestabelecidas foram mudando.

Nesse trabalho também evidenciamos a literatura de Adélia Prado, escritora a frente do seu tempo que buscou seu espaço e mostrou ter um estilo próprio e contundente. Destacaremos não apenas o estilo da autora como uma das suas temáticas, talvez a mais presente em suas obras: a representação da mulher.

Palavras-chave: literatura, feminismo, gênero.

Fundamentação Teórica: É natural observar a diferença entre o gênero feminino e masculino, ao longo da história as divergências foram mudando e se adequando as circunstâncias da época. A ideia que se mantém atualmente sobre as diferenças entre o homem e a mulher, podem daqui a algum tempo não persistirem. É fato que a posição da mulher por muito tempo não foi favorável, os homens detiveram maiores possibilidades e oportunidades de se posicionarem criticamente diante da sociedade, enquanto as mulheres tiveram que buscar uma identidade própria que as reconhecesse como ativas e não passivas.

Segundo Zinani (2010, p.53)

A localização do homem no espaço público é privilegiada, uma vez que está subjacente uma investidura específica, uma função oficial, porém, no momento em que as mulheres assomam a esse

espaço, ele se transfigura, desestruturando-se o lugar [...] O lugar das mulheres, de acordo com a tradição, é o espaço privado: A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas.

Observamos a participação efetiva da figura masculina desde a pré-história e apesar da mulher já ter alcançado um espaço relativamente confortável no contexto social atual ainda há barreiras a serem rompidas.

Diante da sociedade a mulher já tinha diversos desafios a serem ultrapassados. No que se refere à posição que a figura feminina ocupava na literatura a situação era ainda mais conflitante. Pra que a mulher se inserisse nesse universo comandado pelos homens era preciso romper com a visão de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mundo centrada no *logocentrismo* e no *falocentrismo*. Historicamente o poder torna-se ponto central nas relações entre homens e mulheres e é nítida a vantagem que os homens e mulheres e é nítida a vantagem que os homens acabam tendo. Santos (2010, p. 77) traz uma observação acerca da representação da mulher:

Muitas representações do feminino na modernidade atenderam aos interesses da fantasia masculina e não podem ser apreendidas como representações exatas de experiência feminina, justamente porque estão calcadas numa visão patriarcal da diferença de gênero, a qual constitui uma interpretação ideológica da desigualdade entre homens e mulheres, e da diferença sexual macho/fêmea, a partir da equação de que sexo é igual a gênero. Graças a esse entendimento, essas representações estiveram pautadas na falácia de que, a partir do dado biológico, podiam-se convencionar papéis sociais para as mulheres e para os homens.

As teorias feministas irão desconstruir essa equação pautada na formulação patriarcal, na qual serve apenas para moldar e servir os interesses dos homens, portanto afirma-se que o gênero é diferente do sexo.

Fazendo um panorama evolutivo acerca da crítica feminina observamos algumas fases importantes. Bonnici (2007) destaca uma primeira manifestação da presença feminina desde as últimas décadas do século XIX, quando as lutas pelos direitos humanos se intensificaram, até meados do século XX, em que se defendia o direito ao voto feminino. Oliveira (1992) considera que “as primeiras décadas do século XX o direito do voto é progressivamente concedido as mulheres, mas essa conquista formal em pouco muda seu lugar social subalterno.”

Em 1792 com a publicação da obra “A vindication of the rights of woman” (A defesa dos direitos da mulher) escrita por Mary Wollstonecraft, a literatura feminina ganhou destaque devido a veemência em tratar de assuntos como o direito das mulheres à educação e a igualdade entre homens e mulheres. Santos (2010) destaca que a

“simples instrução poderia ter colocado homens e mulheres no mesmo patamar; entretanto a educação a que tiveram acesso, colocou-as no seu legítimo espaço doméstico, pois os que criticavam a instrução consideravam pedantes as mulheres que buscavam aprimorar-se intelectualmente.”

Houve outras produções literárias de destaque como as escritas pela escritora Virginia Woolf, que em seus textos tinham a preocupação de evidenciar a situação da mulher em diferentes contextos sejam no campo afetivo e/ou social. Segundo Oliveira (1992) “Virginia Woolf, analisando a literatura feminina, esboça essa linha de pensamento e planta, em suas famosas conferências no Giron College, a semente de uma ideia que só iria frutificar cinquenta anos depois: a importância da diferença no debate sobre a igualdade.” Tendo o escritor uma maior sensibilidade para perceber a realidade de outras pessoas, esta autora revela a relevância de transmitir a experiência de vida das mulheres para os demais.

Um segundo momento é caracterizado pela publicação de *O segundo Sexo*, de Simone Beauvoir, em 1949, em que a escritora considera que a mulher não detém uma identidade própria e sim uma identidade alheia, justificada basicamente pela subordinação feminina, sendo está uma questão ontológica. Essa obra discutiu aspectos relacionados à mulher partindo de diversas perspectivas como a biológica, psicanálise, contexto histórico, que dentro essas circunstâncias demonstram a posição que a mulher ocupa que sem grande espanto ainda é uma postura de subordinação. Simone Beauvoir (1980) expõe em sua obra uma frase que tornou-se emblemática “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, deste modo para se chegar ao estado de mulher deve-se conquistar esta posição.

De acordo com Bonnici (2007) o terceiro momento das manifestações femininas foi em meados de 1990, ocorreu nos Estados Unidos e tinha a necessidade de renovação do movimento devido aos problemas presentes



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

no país, a mudança possibilitou a igualdade dos direitos entre os homens e as mulheres, elas passariam a ter todas as garantias sócias e legais para viver em paridade na sociedade contemporânea. Zinani (2010) refere-se a esse terceiro momento enfatizando que a partir de então as reivindicações tornam-se mais intensas, uma vez que engloba não apenas questões voltadas para a situação das mulheres e também assuntos como: a conscientização referente ao negro, o pós-colonialismo, a teoria crítica e entre outros. Zinani (2010, p.413) reforça que alguns aspectos foram relevantes:

A autoestima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma modalidade de poder. Feministas marginalizadas, anteriormente, contribuem para estabelecer a identidade dessa onda que acredita ser contradição e a negociação das diferenças, uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo. Essas posições, no entanto, não são aceitas pelas feministas da Segunda Onda, que criticam uma imagem distorcida do feminismo transmitida pela mídia. Essas questões, entre outras, constituem o substrato de uma crítica feminista que procura desconstruir os processos ideológicos tradicionais, discutindo as representações masculinas e femininas, a fim de colocar em evidência as questões de identidade de gênero. Essa hipótese de leitura faculta uma abertura para as possibilidades de mudança na escrita literária e na sua representação.

É possível perceber que a literatura feminina evolui de maneira lenta, porém promissora, esse andamento foi de grande importância para que as mulheres escritoras obtivessem um espaço dentro do cenário literário. A partir do momento que as obras de escritoras femininas começaram a circular, outra visão começou a ser construída, a de que as obras de autoria feminina eram tão fascinante quanto aquelas escritas por homens e as possibilidades de interpretação dessas obras só demonstrariam a riqueza e grandiosidade da literatura feminina.

O feminino em Adélia Uma autora que apresenta destaque na literatura brasileira é Adélia Prado, uma escritora que buscou seu

espaço num universo dominado pelos homens. É inquestionável que seus textos são contundentes quanto ao valor estilístico, e as temáticas apresentadas pela autora são variadas, mas de certa forma estão todas voltadas para o cotidiano, assuntos corriqueiros de uma vida repleta de emoções. Iremos destacar o trabalho da autora que concernem aspectos relacionados à mulher, portanto trataremos da representação feminina nos textos de Adélia.

O primeiro livro publicado foi *Bagagem* de 1976, uma das outras de maior relevância da escritora, que chamou atenção da crítica por ser uma poesia inovadora, pois seus versos não produziam as dicotomias verificadas nos textos poéticos produzidos até então por mulheres. Os poemas de Adélia buscam uma coexistência dos papéis das mulheres tradicionalmente consideradas como excludentes. De acordo com Silva (2003, p.181)

Se a tradição patriarcal representou a mulher ora como o ser demoníaco, Eva do Éden capaz de ludibriar o homem e levá-lo para o abismo, a poesia de Adélia Prado vai além dessas divisões, advogando a representação de um feminino mais complexo e, cremos, mas condizente com a realidade de todo e qualquer sujeito mulher inserido no meio social.

Nos textos de Adélia percebemos essa mulher que busca incessantemente seu lugar no mundo e não aceita que regras e convenções sejam impostas apenas pelo fato dela ser mulher. A poesia da escritora é transgressora a partir do momento que se observa a plenitude dos acontecimentos que tornam grandiosos seus textos, não apenas em qualidade estética, mas em atentar para fatos e aspectos simples de uma vida simples.

Embora essa seja a marca do feminismo na obra de Adélia, aspectos pouco compreendido nos estudos até agora realizados sobre o mesmo, a poeta hoje encontra certa resistência por boa parte da Academia e,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

consequentemente, faltam estudos mais elaborados sobre sua poesia.

Quanto às relações de gênero presentes nas obras de Adélia, podemos atentar para alguns aspectos que são importantes serem esclarecidos, como a conceituação do feminino e masculino, sendo compreendidos como construções culturais e não como dados naturais. Apontando para as concepções imanentistas de sujeito, quanto à existência, essência feminina ou psique diferenciada da do homem, observamos que de fato ser homem e ser mulher são construções culturais. A ideia que Simone Beauvoir trazia de que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” se confirma nessa concepção, portanto para se tornar homem ou mulher é preciso está inserido dentro de uma sociedade que traz modelos de masculinidade e feminilidade. Silva (2003) reforça essa ideia colocando “O que de fato fazemos é reconhecer que a configuração dessa identidade psíquica, e o substantivo “configuração” já aponta para isso, não é algo desde sempre existido, mas antes um existir que se constrói no seio de uma dada sociedade.”

Mediante esse contexto verificamos na poesia de Adélia um desdobramento do feminino, a mulher sendo representada através de perspectivas *androcêntricas*, que ao mesmo tempo em que permanecem também se ausentam. Silva ira caracterizar esse momento de permanência de santidade e o de ausência de loucura, destaca:

Se num primeiro momento verificamos que esse desdobramento em Adélia Prado, esse trânsito entre santidade e loucura, manifesta-se, respectivamente, ora no respeito às normas instituídas para o relacionamento amoroso, ora no desrespeito às mesmas, o que vai se configurar numa leitura mais ampla, num segundo momento, é o mesmo trânsito no que diz respeito a todos os outros aspectos de sua obra. Para o delineamento desse trânsito entre santidade e loucura, é-nos necessário verificar, então, os diversos aspectos pelos quais, na nossa leitura, dá-se o desdobramento do feminino em Adélia Prado, quais sejam: a retomada da tradição

literária masculina, a religiosidade e a representação do relacionamento amoroso.

Outra característica presente nesse panorama que retrata a mulher é o *erotismo*, tido pelas mulheres mediante parâmetros patriarcais. Soares (1999) expõe que na poesia de Adélia as imagens são acrescidas de sexualidade e erotismo na alma e acabam por reforça a relação existente entre o erótico, o místico e o feminino, a partir dessa relação é perceptível um “abandono dos posicionamentos já cristalizados.” O diferencial na poesia de Adélia estar em subverter-se ao erotismo, a representatividade do feminino vai além desse contexto demonstrando que a mulher pode trazer consigo diversas faces, sem necessariamente negar nenhuma delas.

Pode-se dizer que os textos de Adélia contribuíram fortemente para desestruturação da repressão sexual feminina, para que essa mudança ocorresse à autora foi em busca dos elementos desencadeadores dessa repressão e os transformou em munição para compor sua poesia.

CONCLUSÃO Ao observamos esse panorama da trajetória da literatura de autoria feminina, constatamos que as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram silenciadas por muito tempo, não apenas no âmbito social como também na literatura. As mudanças demoraram a acontecer, mas presenciamos uma importante reviravolta, que possibilitou as escritoras femininas exporem seus textos e suas ideologias.

A crítica literária teve grande relevância desse contexto de repressão da literatura feminina, contribuiu para que houvesse discussões e se levantasse questionamentos acerca da qualidade estética das produções realizadas por mulheres, autoras silenciadas devido aos parâmetros já estabelecidos e que não davam espaço para construções literárias de autoria feminina. Para que se enxergassem essas obras como cânones foram muitos anos, mas o reconhecimento aconteceu depois de tão longa jornada.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Outro aspecto importante da crítica feminista foi à possibilidade de propor uma nova leitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando o ponto de vista feminino. Um exemplo de autora que explorou a temática feminina foi Adélia Prado, que procurou expor em suas obras não apenas as fragilidades das mulheres, mas também as potencialidades, propondo aos leitores uma maneira diferente de enxergar a figura feminina. Essas novas leituras podem contribuir, de maneira significativa, para a escrita de uma nova história da literatura, utilizando como signo maior os estudos de gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. Ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Dois mulheres de letras: representação da condição feminina**. Caxias do Sul: Educ, 2010.

SILVA, Evaldo Balbino da. **Entre a santidade e a loucura: o desdobramento da mulher na bagagem poética de Adélia Prado**. Revista em Tese, v.6, p.181-186, ago.2003.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da libertação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **História da literatura: questões contemporâneas**. Caxias do Sul: Educ, 2010.

ZOLIN, L.O. **Literatura de autoria feminina**. Maringá: Eduem, 2003.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br